
SANTOS, Milton. *Por uma Outra Globalização. Do Pensamento Único à Consciência Universal.* Rio de Janeiro, Record, 2000.

DO PENSAMENTO ÚNICO À CONSCIÊNCIA

Maurício Silva

Doutor e Mestre em Letras Clássicas e Vernáculas (USP) e professor de Língua Portuguesa da UNINOVE

Com o recente falecimento de Milton Santos, a Geografia Humana perdeu um de seus mais atuantes intelectuais e, certamente, dos mais polêmicos pensadores das questões sociais no Brasil. A resenha que segue procura ser não apenas uma atualização do pensamento do renomado geógrafo acerca da candente temática da globalização, mas também uma homenagem àquele que foi e continuará sendo uma referência nas reflexões sobre a geografia e seus desdobramentos, sejam eles físicos, econômicos ou sociais.

Milton Santos conseguiu trilhar, com impecável desenvoltura, caminhos tão árduos e carregados de conflitos internos quanto a Geografia Humana e a Economia, a cultura popular e o urbanismo, a tecnologia e a universidade. A esse rol de temas nem sempre condescendentes para com um pensador - por mais multisciente que ele seja - acresce-se, no seu caso, o da globalização, consagrado em um de seus últimos livros, *Por uma Outra Globalização. Do Pensamento Único à Consciência Universal.*

Trata-se de uma tentativa de interpretação do mundo contemporâneo pelo viés do processo de globalização, num percurso geográfico que vai da África à Ásia, da Europa à América Latina, a partir de perspectivas tão variadas quanto as das diversas geografias - humana, política e econômica -, o que faz jus tanto ao assunto tratado quanto à formação do autor, geógrafo internacionalmente reconhecido e infelizmente falecido.

O livro, na verdade, compõe-se de uma série de artigos anteriormente publicados em periódicos e jornais diversos, enfeixados em volume único pelo critério temático e por uma intransigente revolta contra as injustiças ocasionadas por um processo de globalização realizado, como o próprio autor ressaltou no final de seu volume, de cima para baixo.

Com uma linguagem simples e clara, pode-se dizer que o livro se divide em duas partes, melhor ainda, em dois juízos opostos: um, pessimista, que perpassa deliberadamente quase toda a obra, já que res-

salta os abusos e as incongruências de todo o processo abordado; outro, otimista, que busca indicar saídas e soluções para as contradições nascidas do que o autor considerava uma globalização perversa.

O assunto não é exatamente novo, tendo sido os limites da globalização na América Latina e particularmente no Brasil, bem como suas conseqüências malélicas, analisados por outros estudiosos do assunto, como é o caso de Celso Furtado em sua última obra.¹ Porém, Milton Santos procura dar novas dimensões para o problema, adotando uma perspectiva muito mais geográfica do que puramente econômica.

O autor partiu da convicção do papel desempenhado pela ideologia na produção, disseminação, reprodução e manutenção da atual globalização, para propor uma visão tripartite da globalização: a globalização como fábula (refere-se ao mundo como nos fazem vê-lo), como perversidade (refere-se ao mundo como ele é de fato) e uma outra globalização (refere-se ao mundo como ele pode ser). Sobre a primeira, lembra que há uma ideologia por trás do processo de globalização atual que a apresenta como fábula, buscando a manutenção do sistema e o culto ao consumo. Sobre a segunda, lembrou-nos que, ao contrário do que parece, a globalização tem efeitos práticos, como o aumento do desemprego e da pobreza, diminuição do salário médio, aumento da mortalidade infantil etc. Trata-se de uma perversidade sistêmica, que tem relação com o sentido de competição desenfreada que caracteriza as atuais ações hegemônicas. Sobre a terceira, sugeriu a adoção de uma globalização mais humana, cujo êxito já aparece indicado em alguns fatos que podem ser atualmente verificados - como a sociodiversidade presente na maior parte do planeta, pautada pela mistura de raças, crenças, filosofias, culturas - e a emergência da cultura popular.

Falando sobre a produção da globalização, o autor destacou a homogeneidade como seu substrato ideológico. Para ele, a globalização seria "o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista" (p.23), processo que deveria ser compreendido a partir das seguintes premissas: a da unicidade técnica (pela primeira vez na história haveria um conjunto de técnicas que envolve todo o planeta e se faz sentir instantaneamente), a da convergência dos momentos (a possibilidade de estar sempre em contato com tudo o que se passa no entorno), a do motor único (espécie de mais-valia universal, atuando como motor único das ações globais, possível graças à mundialização dos produtos, do dinheiro, do crédito, da dívida, do consumo etc.) e a da cognoscibilidade do planeta (a possibilidade de conhecer o planeta extensiva e

¹FURTADO, Celso. *O Longo Amanhecer. Reflexões sobre a Formação do Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

aprofundadamente, o que é de suma importância para a atuação das empresas e para a produção atual).

Nesse contexto, as mudanças ocorridas nos últimos anos teriam contribuído para o surgimento de uma globalização perversa, construída sobre dois pilares: o modo como a informação é passada e a emergência do dinheiro como motor da vida econômica e social. Trata-se, portanto, de dois tipos de violência: a violência da informação, segundo a qual as informações são passadas à humanidade de modo manipulado, apresentando-se, antes, como ideologia, e a violência do dinheiro, que se assenta na especulação intrínseca ao sistema financeiro. Esses fatores têm como consequência, entre outras coisas, a proliferação de percepções fragmentadas da realidade e o estabelecimento de um discurso único no mundo.

Tudo isso tem, evidentemente, uma relação direta com aspectos financeiros dominantes, temática aliás já ressaltada, em comentário ao mesmo livro, por José Luís Fiori, segundo o qual uma das tônicas do livro de Milton Santos consistia na "centralidade atribuída às transformações no campo monetário-financeiro, no qual se concentra...o núcleo duro do que se nomeia por globalização".²

Santos ainda nos apresentava outros componentes do que chama de globalização perversa, como a competitividade desenfreada, a manipulação consumista, o despotismo da informação, o ideário tecnicista, tudo com consequências imediatas e perniciosas nas relações humanas: "na esfera da sociabilidade, levantam-se utilitarismos como regra de vida mediante a exacerbação do consumo, dos narcisismos, do imediatismo, do egoísmo, do abandono da solidariedade, com a implantação, galopante, de uma ética pragmática individualista" (p.56).

Não se pode negar que essa questão aventada tem relação direta com a problemática da ética. Nesta obra, a maior crítica à globalização, no final das contas, é exatamente em relação à falta de uma ética - talvez a mesma ética que, segundo Weber, rege "o espírito capitalista especificamente moderno"³ - a nortear todas as transações comerciais internacionais. Portanto, uma ética totalmente contrária à ação inescrupulosa da competição desigual e da busca indiscriminada do lucro. Assim, embora não dissesse isso claramente, a questão ética acabava sendo, para Milton Santos, a pedra de toque da globalização. O fato de, por exemplo, segundo o mesmo autor, o consumo e a informação ideologizados serem o motor de ações públicas e privadas, emerge como uma crítica com inegável componente ético. Com efeito, mais do que uma falta de

²FIORI, José Luís. "A Grande Mutação. Milton Santos reinterpreta o Fenômeno da Globalização". *Folha de S. Paulo/Jornal de Resenhas*, São Paulo, jun./2000, p. 08.

³WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, Pioneira, 1999, p. 56.

ética, a globalização pressupõe uma nova ética, agora entendida apenas como padrão de comportamento, logo, sem valor moral: a ética do consumo e da competição.

Esse estado de coisas leva, fatalmente, ao que o autor considerava uma violência estrutural e uma perversidade sistêmica, muito mais incisivas do que as violências periféricas e do que as distorções de personalidade circunstanciais. Ambos os conceitos fazem parte de novas virtudes pragmáticas, para o triunfo das quais “o ideal de democracia plena é substituído pela construção de uma democracia de mercado, na qual a distribuição do poder é tributária da realização dos fins últimos do próprio sistema globalitário” (p.61).

Por essas e outras razões, a globalização representa uma ruptura no processo de evolução social e moral por que vinha passando a humanidade durante séculos, matando a noção de solidariedade, devolvendo o homem a uma condição primitiva, reduzindo a nada as noções de moralidade pública e particular. Além disso, assiste-se a um processo sistemático de eliminação das rígidas fronteiras territoriais, enfraquecendo a natureza dos Estados nacionais e tornando-os mais flexíveis a interesses espúrios. A consequência mais imediata desse fato é a instauração e globalização de uma pobreza estrutural.

O autor já tratara, anteriormente, da questão da pobreza no Novo Mundo, sobretudo associada à emergência da metrópole e a processos amplos de urbanização, quando então as cidades se tornam um “teatro de conflitos crescentes”.⁴ É a partir desse vínculo entre espaço territorial e pobreza que Milton Santos procurava entender o processo atual de globalização, afirmando que, nesse contexto globalizado, o território ganha novos contornos, características e definições. Nesse sentido, a globalização imporia novas lógicas à evolução territorial, tornando todo e qualquer espaço geográfico funcional às necessidades dos Estados e empresas poderosos. Há, portanto, um processo de fragmentação dos territórios nacionais.

Segundo uma vertente teórica da globalização, estes territórios encontrar-se-iam em franca competitividade, mas o que ocorre mesmo – de acordo com o geógrafo - é uma competitividade entre empresas que se digladiam em busca do melhor espaço para ser explorado economicamente: “a competitividade acaba por destroçar antigas solidariedades, freqüentemente horizontais, e por impor uma solidariedade vertical, cujo epicentro é a empresa hegemônica, localmente obediente a interesses globais mais poderosos e, desse modo, indiferente ao

⁴ SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo, Hucitec, 1994, p. 11.

entorno" (p.85). No caso específico do Brasil, pode-se perceber, por exemplo, uma grande vulnerabilidade das regiões agrícolas, que funcionam em razão de lógicas distantes e externas, em obediência aos setores e às empresas que conduzem a economia globalizada. Nas palavras do próprio Milton: "...sob o impulso da competitividade globalizadora, produzem-se egoísmos ou regionalismos exacerbados, justificados pela necessidade de defesa das condições de sobrevivência regional, mesmo que isso tenha de se dar à custa da idéia de integridade regional" (p.94).

Há, em todo esse discurso, um substrato ideológico que resgata a idéia de uma dominação dos países periféricos por países desenvolvidos, só que agora se trata de uma dominação muito mais virulenta. O tema já fora também tratado pelo autor durante a década de sessenta, época de revoltas estudantis e movimentos mais ou menos organizados contra domínios estrangeiros na América Latina, os quais eram geralmente considerados, pela intelectualidade nativa, verdadeiros processos de colonização.⁵

⁵Cf. SANTOS, Milton. "Mecanismos de Crescimento Urbano nos Países em Vias de Desenvolvimento". *América Latina*. Rio de Janeiro, Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, Ano 12, No. 04: 134-148, Out./Dez. 1969.

Não obstante todo o quadro apontado - compreensivelmente pessimista -, o autor afirmava que, diante das diferenças existentes entre todos os países, culturas e economias que compõem o planeta, assiste-se hoje à busca de outras soluções para as crises criadas pelo processo de globalização, o que soa como uma esperança para os países periféricos. A par disso, há uma marcada contestação da ideologia hegemônica da globalização, tentando-se reverter o processo que impõe a construção do mundo de cima para baixo. Nasce, assim, propostas de um novo modelo econômico, social e político que conduza a uma vida coletiva solidária, e possibilite a realização de uma outra globalização. Este é o precioso legado do velho mestre que, permanentemente, ensinou a necessidade de construir novas utopias.